

Rau Ferreira

*Capítulos da História
Esperancense*

Edições
Banabuyê

Digitalização: EPDOC
© Esperança/PB: 2011

© Copyright Rau Ferreira

Direitos de edição e publicação reservados ao autor.

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou gravada em banco de dados digital por qualquer processo eletrônico ou similar, nem armazenada sob qualquer formato sem expressa autorização do seu autor.

Os infratores estarão sujeitos às sanções cíveis e criminais.

Edições
Banabuyê

FERREIRA, Rau.

Capítulos da História Esperancense/ Rau Ferreira –
Esperança/PB, 2011

ISBN

1. História. Cidades. Paraíba. Esperança

NOTAS SOBRE O AUTOR

Rau Ferreira é cidadão esperancense, bacharel em direito pela UEPB e funcionário público estadual concursado. Casado com a professora Carmem Lúcia e pai de duas filhas, Hauane e Heloíse.

Prefaciou o livro do Coronel Elísio Sobreira escrito por Inácio Gonçalves de Souza (Idealgraf: 2010) e fez o encerramento desta obra com o artigo “O Funeral de um Comandante”. Além de ser autor da biografia de Silvino Olavo (Epgraf: 2010) e João Benedito (Copiadora União: 2011).

Como poeta participou do recital de poesia promovido pelo Departamento de Cultura no I EMPARPE - Encontro de Arte Popular de Esperança (2010) e integra o grupo denominado “Memorialistas” ao lado dos poetas e intelectuais Evaldo Brasil, Calos Almeida e Karl Marx Valentim, que realiza telúricas literárias na cidade.

Pesquisador dedicado descobriu diversos papéis e documentos que remontam à formação do município de Esperança, desde a concessão das Sesmarias até a fundação da Fazenda Banabuyê Cariá, que foi a sua origem.

Idealizou e fomentou o blog História Esperancense e participou do jornal A Folha de Esperança, onde mantinha uma coluna mensal.

O Editor

À guisa de prefácio...

Capítulos da História Esperancense

Durante certo tempo publicamos na internet a história do nosso município e seus principais acontecimentos. Esmeramo-nos em catalogar os fatos e os nomes daqueles que contribuíram para o engrandecimento de nossa terra natal.

Era uma atividade bastante prazerosa, embora não contasse com o apoio necessário.

Neste caderno, fizemos uma síntese das pesquisas que realizamos para o blog História Esperancense. Reunimos assim, aquelas matérias que consideramos mais relevantes.

O leitor assíduo do nosso diário eletrônico poderá dar por falta de outras igualmente importantes, contudo esta seleção proporciona uma visão geral do nosso trabalho, mesmo para aqueles que não o conhecem.

Edições
Banabuyê

Digitalização: EPDOC

© Esperança/PB: 2011

A HISTÓRIA DE ESPERANÇA

A história da cidade de Esperança inicia-se efetivamente em 1860, a partir da instituição da Fazenda *Banaboié Cariá* pertencente aos descendentes dos Oliveira Ledo. Contudo, as terras que compunham esta localidade já eram conhecidas desde 1757 quando, O Capitão-mór Clemente de Amorim e Souza por ordens do Governador da Capitania, percorreu a região descrevendo-as e anotando as suas distâncias. Esta carta existente na Torre do Tombo em Portugal apresentava o Sítio **Banabuyé** nas proximidades de Campina Grande, situado à beira de um açude.

Consta também que os Índios Tapuias quando habitaram estas terras haviam construído um reservatório d'água que chamou a atenção dos nossos colonizadores, denominado de Tanque do Araçá. Mas o Marinheiro Barbosa foi o primeiro homem civilizado a se utilizar desta água, construindo sua habitação nas suas proximidades. Porém, este não se demorou muito tempo

Posteriormente fixaram residência os irmãos portugueses Antônio, Laureano e Francisco Diniz, os quais construíram três casas no local onde hoje se verifica a Avenida Manoel Rodrigues de Oliveira.

Não se sabe ao certo a origem da sua denominação. Mas Esperança outrora fora chamada de Banabuié (1757), Boa Esperança (1872) e Esperança (1908), e pertenceu ao município de Alagoa Nova.

O professor **Leon Clerot** escreve em sua obra corográfica que banauié é um “*nome de origem indígena, PANA-BEBUI – borboletas fervilhando, dados aos lugares arenosos, e as borboletas ali acodem, para beber água*”.

Narra a história que o nome Banabuié, “*pasta verde*”, numa melhor tradução do tupi-guarani, teria sido mudado para o topônimo de Esperança por Frei Herculano, devido ao simbolismo que esta representa. Banabuyu, que na língua Tupi significa Brejo ou Pantanal das Borboletas. Uma outra versão porém é atribuída ao Padre Ibiapina. Conta-se que este clérigo teria nomeado algumas cidades da região, segundo as três virtudes teologais: Fé (Santa Fé, atual município de Arara), Caridade (Soledade ou Pocinhos, não se sabe ao certo), e, para Banabuié o de Esperança. Esta narrativa guarda certo sentido devido a grande influência exercida por este vigário em nossa região. Ele mesmo teria fundado em 1862 o cemitério local, motivado pelo surto de *Cólera Mórbitos*.

O fato é que até 1860 não existiam cemitérios na região. Os ricos eram sepultados nas Igrejas, enquanto os pobres eram enterrados nos campos. Segundo documentos históricos, Pe. Ibiapina teria resolvido o problema construindo os cemitérios de Arara, Pocinhos e Alagoa Nova; e se supõe que ele teria edificado também o de Esperança.

Já o ano de 1862 marca a fundação da Capela de Nossa Senhora do Bom Conselho, onde hoje é a Igreja matriz, por orientação do Frei Venâncio, primeiro missionário a chegar nestas terras e a celebrar missa. Segundo a tradição, a devoção à Mãe do Bom Conselho no Brasil teria se iniciado em 1785, pelas mãos do padre jesuíta José de Campos Lara.

Em 20 de Maio de 1908, o Bispo da Paraíba Dom Aduino criou e erigiu a freguesia de Esperança, sendo o Padre Francisco Gonçalves de Almeida seu primeiro pároco.

Em 1885 foi instalada a agência dos Correios e Telégrafos de Esperança, cujo agente era Antônio Albuquerque Lima.

Em maio de 1925 iniciou-se um levante em prol da emancipação política do município. Esse movimento ganhou força no inflamado discurso de Silvino Olavo, que declamava: “*Esperança – Lírio Verde da Borborema*”. A idéia foi ganhando novos adeptos, entre eles, o Coronel Elísio Sobreira, Chefe de Polícia do Estado, e o Deputado Antônio

Guedes, que apresentou o Projeto de Lei nº 13, que criava a cidade de Esperança.

Após terceira discussão em plenário, o projeto foi votado e aprovado e, no dia 1o de Dezembro de 1925, era publicada no jornal A União, a Lei nº 624, dando origem ao Município de Esperança, que se instalou no dia 31 daquele mês e ano.

Assumiu o governo mirim Manuel Rodrigues de Oliveira na condição de Prefeito e Teotônio Tertuliano da Costa, na posição de Vice-Prefeito, prestando compromisso no Paço Municipal junto ao Dr. João Marinho da Silva, Juiz do Termo.

Ainda naquele ano era construída a Capelinha de N. S. do Perpétuo Socorro, em vista de uma promessa feita pela Sra. Esther Rodrigues de Oliveira, cuja graça foi alcançada.

A primeira Câmara Municipal era constituída pelos seguintes vereadores: Manoel Pessoa de Melo Leitão, José da Cunha Neto, José de Araújo Souto, Francisco Rodrigues da Silva, Anísio Evangelista dos Santos, José Carolino Delgado e Cassimiro Jesuíno de Lima. Muito embora, oficialmente, só se tenha constituído em 31 de outubro de 1947.

Após as eleições de 12 de outubro de 1947, tomaram posse: Francisco Bezerra da Silva (Presidente), Manoel Rodrigues de Oliveira (Vice-presidente), sendo Severino de Alcântara Torres e Manuel Luis Pereira 1º e 2º Secretários, respectivamente. O Legislativo-mirim daquele ano também foi composto pelos seguintes Vereadores: Eustáquio Luiz de Aquino, Severino Felix da Costa e José Ferino dos Santos.

A primeira sessão ordinária dessa gestão ocorreu em 05 de dezembro de 1947, no pavimento superior do edifício nº 02, da Rua Senador Eptácio Pessoa (Rua do Boi), porque o Sr. Prefeito Municipal não cedeu o prédio da Biblioteca Pública para a sede da Câmara. Consta em ata, que o chefe do executivo municipal escolheu os fundos da Prefeitura para o funcionamento da Câmara, o que foi considerado inconveniente pelos vereadores.

Enquanto que a justiça local deu seus primeiros passos com a instituição do Segundo Juizado de Paz da Povoação de Esperança em 1896, a qual pertencia ao Juizado de Alagoa Nova da Comarca de Areia, tendo como primeiro Juiz Thomaz Rodrigues de Oliveira e Escrivão, o Sr. José Pereira Brandão, conhecido por "*Santos Cacheiro*".

Mas o Termo Judiciário de Esperança somente em 31 de Dezembro de 1925, agregado à Comarca de Areia, assumindo o juízo municipal o Dr. João Marinho da Silva, sendo Teotônio Cerqueira Rocha o primeiro Adjunto de Promotor.

No cargo de Oficial de Justiça, assumiu o Sr. João Gonçalves de Lima, enquanto que Inácio Rodrigues de Oliveira prestou compromisso na função de Delegado de Polícia em 20 de Janeiro de 1926. Nesse mesmo ano foi inaugurada a Cadeia Pública local.

Atualmente a cidade de Esperança se destaca entre as mais desenvolvidas do compartimento da Borborema, polarizando a região. E a cada dia aumentam os índices de arrecadação provando que o município possui um grande potencial.

TÚNEL DO TEMPO: ESPERANÇA EM 1899

Descrevemos aqui Esperança nos idos de 1899, conforme encontramos no Almanak Administrativo do Estado da Parahyba.

Conhecida por Banabugé ou Esperança, era uma grande aprazível povoação que pertencia à vila de Alagoa Nova, localizando-se 3 léguas a Oeste daquele município.

Na época registrava 152 casas e cerca de 1.300 habitantes. Sua capela, erigido sob a invocação da Virgem do Bom Conselho, era um “*bello templo de excellente construcção e moderna architectura*” (sic), medindo 80 palmos de largura por 160 de extensão. E tendo por capelão o Padre Bento Maria Borges.

Havia ainda um cemitério público com capela correspondente, este construído em 1860 devido ao surto de *Cólera* que ocorreu em nosso Estado. E uma filarmônica, que acreditamos ser aquela regida por Joviniano Sobreira, que possuía um internato no município com aula de música em seu currículo.

A sua feira é abundante e concorrida, realizando-se aos sábados nas proximidades da capela e em um mercado particular. Eram comercializados, por esse tempo, farinha, milho, feijão, rapadura, carne seca, objetos de indústria e animais vivos, principalmente o gado vacum.

O seu comércio era “*animado*” com diversas casas de fazenda, estivas, molhado e quinquilharias. Destacando-se neste ramo: Mathias F. Fernandes, Firmino Porfírio Delgado, Thomaz Rodrigues de Oliveira, Sebastião Nicolau da Costa, Manoel Idelfonso Correia Lima, Miguel Angelo Criosolo & Irmão (fazendas); Manoel Camello do Nascimento (estivas); José Maria Ferreira Pimentel, José Maria & Cia., José Martiniano

de Araújo, José Irineu Diniz, Surpino Agripino de Souza, Manoel Alves da Rocha, José F. de Albuquerque Silva, Pedro Benevenuto de Araújo, Francisco Nicolau da Costa, Francisco Celestino da Silva, Joaquim Celestino da Silva, Florentino Bezerra Diniz, Francisco Anatolio Ferreira Cavalcante, Ignácio da Silva Sobral e José Pereira Brandão (molhados); Elysio Augusto de Araújo Sobreira, Manoel Rodrigues de Oliveira, José Maria Ferreira Pimentel, José Pereira Brandão, Francisco Celestino da Silva, Surpino Agripino de Souza e Antonio Firmino do Nascimento (quinquilharias). Mathias Fernandes era proprietário ainda de uma pequena farmácia.

A organização administrativa do município estava assim organizada:

Juízes de Paz: Thomaz Rodrigues de Oliveira, José Maria Ferreira Pimentel, Clemente Alves Bezerra e Vital José Pereira. A povoação de Esperança pertencia ao Termo de Alagoa Nova da Comarca de Areia.

Subdelegados: Firmino Porfírio Delgado. E suplentes, pela ordem: Sebastião Nicolau da Costa, Manoel Veríssimo Ferreira Gil e Elysio Augusto de Araújo Sobreira.

Professores públicos: Antonio de Albuquerque Lima (Cadeira do sexo masculino) e D. Maria Augusta Sobreira de Carvalho (Cadeira do sexo feminino).

O posto dos correios sediada na povoação desde 1885 estava a cargo da Sra. Martiniana G. Pereira. Expedia e recebia malas postais para os agentes do interior e da capital do Estado nos seguintes dias: 1, 6, 11, 16, 21 e 28, com saída às 6h30 da manhã.

TÚNEL DO TEMPO:

ESPERANÇA EM 1909

Nesse “Túnel do Tempo” fizemos uma retrospectiva do município de Esperança ao ano de 1909. A principal fonte de que nos valem encontra-se no livro **A Parahyba**, Vol. II, editado pela Imprensa Official.

Há quase um ano a Paróquia do Bom Conselho havia sido erigida por ato do Bispo da Parahyba Dom Adauto Aurélio de Miranda, nomeando o padre Francisco Gonçalves de Almeida nosso primeiro pároco, que tomou posse no dia 08 de junho do ano findo. A nossa igreja era um “moderno e vasto templo”.

Segundo o Almanak Administrativo (1908), Esperança aparecia como uma pequena povoação ao lado de outras, como Lagoa de Remígio, Arara, Riachão, Pilões de Dentro, Pilões de Bananeiras, além de Tacima, Belém e Caiçara. Mas permanecia ligada a cidade de Alagoa Nova.

Contudo, por esse tempo já demonstrava a sua forte inclinação para o comércio. A esse respeito apresentamos o quadro do imposto da feira, que era superior ao próprio município do qual fazia parte:

Produto do imposto da feira de Alagoa Nova - 631\$000

Produto do imposto da feira de Esperança - 641\$000

Produto do imposto da feira de S. Sebastião - 101\$000

Aliás, a feira de Esperança era “*quasi igual à da villa, no seu desenvolvimento mercantil, apesar de ter maior numero de casas comerciais*” (sic), sendo o seu desenvolvimento na seguinte ordem: 1° - Esperança; 2° - S. Sebastião de Lagoa de Roça e 3° - Matinhas.

Por essa mesma época, a população da Parahyba estava estimada em 457.232 habitantes (Censo de 1890). Contudo, observa o autor

“É de notoriedade vulgar a imperfeição deste recenseamento não podendo servir de base segura para se precisar a cifra” (Almanak Administrativo: 1908, p. 144).

Havia grandes produtores rurais, destacando-se o Capitão Manoel de Christo Pereira da Costa (Riachão), Antonio Frutuoso (Cajueiro) e José Donato, que mantinha uma máquina de descaroçar algodão.

Segundo aquela publicação, tínhamos apenas uma fazenda de criar gados, pertencente ao Cônego José Antunes Brandão, no lugar Lagoa de Pedra. E à exceção de uma servidão pública construída em Esperança e outra na povoação de Matinhas, todos os açudes eram de propriedade particular.

As vias de comunicação eram franqueadas ao trânsito público por meio de cavalos e carros de bois, sendo as principais estradas: a que parte de Alagoa Grande para os sertões do Estado e a que vinha de Campina Grande para Areia, beneficiadas pelo Dr. João Tavares, prefeito de Alagoa Nova que *“mandando alargar o seu leito, tornou-a em condições de dar passagem a dois carros que por ventura nelle se encontrem, e mandando construir 1 1 boeiras, (algumas duplas) facilitou escoadouro ás águas sem prejuizo do transito”* (A Parahyba: 1909, p. 635).

Nesta povoação funcionavam duas aulas do sexo masculino e feminino, respectivamente com 15 e 20 alunos.

E a firma comercial de propriedade de Theotônio Tertuliano da Costa, denominada “Loja das Noivas”. Instalada desde 1897, apresentava completo sortimento de miudezas, chapéus, calçados, perfumes e aviamentos.

TÚNEL DO TEMPO: ESPERANÇA EM 1933

Você já imaginou como seria Esperança em 1933? Fizemos uma viagem no tempo para que o leitor conheça os principais nomes que ajudaram a edificar este município, suas atividades, órgãos e estabelecimentos comerciais.

Com apenas oito anos de emancipada, a cidade recheava o 16º Volume do “*Almanach da Parahyba*”. Samuel Duarte era o diretor da imprensa oficial do Estado; e Gratuliano da Costa Brito governava o Estado.

A Paraíba acabara de sair da “Revolução de 30”, um episódio trágico que vitimou João Pessoa Cavalcanti de Albuquerque, de quem Silvino Olavo era chefe de Gabinete.

Por aqui, Theotônio Tertuliano da Costa era o gestor municipal e enfrentava novos e grandes desafios.

A cidade progredia a passos largos, após as primeiras providências tomadas por Manuel Rodrigues de Oliveira, que implantara um governo estruturante fazendo nomeações e inaugurando obras, estradas e escolas.

A feira local era uma das maiores da região e as monoculturas da batatinha, algodão e o agave formavam os novos ricos. O comércio de miudezas em geral e ferragens movimentavam boa parte da renda municipal.

Havia no município quatro vapores de descarregar algodão, pertencentes a Francisco Bezerra da Silva, Júlio Ribeiro da Silva, Theotônio Cerqueira Rocha e Sebastião Donato; oito caeiras de fabrico de cal, cujos proprietários eram Anísio José da Cunha, Felix Guerra, Antonio Chaves Sobral, Antonio Serafim, Cícero Carneiro e Syndulpho Guedes

Alcoforado, o Major da Maniçoba. Contava ainda o município com 110 casas de aviamentos para o fabrico da farinha de mandioca.

Os órgãos públicos estavam assim distribuídos: Manuel Clementino de Farias Leite, escrevente juramentado; Sargento João Felipe de Souza, delegado de Polícia; Pedro de Alcantara Torres, José Virgolino Sobrinho e Claudino Rogério de Souza, respectivamente 1º, 2º e 3º Suplentes de Delegado de polícia; Gustavo Olavo Torres, Estacionário Fiscal; José Félix Vieira, Guarda Fiscal da Fazenda do Estado; Murilo Velloso Lopes, Oficial do Registro Civil de Nascimentos, Casamentos e Óbitos.

E o servia-se dos serviços dos seguintes profissionais: Médicos drs. Sebastião Araújo e Manuel Cabral de Andrade. Farmacêuticos: José de Andrade Mello e João Mendes de Andrade Lima. Dentista: Sebastião Lima. Advogado: Severino Irineu Diniz.

A esse tempo a cidade encontrava-se já bem povoada. Havia 1.903 habitações, sendo: 792 casas de tijolos e telha; 1.111 ditas de taipa e telhas, inclusive as da povoação do Areial. Na sede funcionava um pequeno banco, denominado “*Banco Agro-Comercial*” que funcionava pelo sistema “Luzatti”.

As principais estradas carroçáveis: Esperança - Pocinhos, medindo, até Lagoa Salgada, 17 quilômetros; Esperança - Campina Grande, que media até Camucá – 6 quilômetros; Esperança em direção a Areia, até então com 5 quilômetros; e a que seguia rumo a Bananeiras, completos 12 quilômetros.

Francisco Bezerra da Silva instalara a primeira agência de carros da marca Chevrollet, com oficina própria e venda de peças. Funcionando ainda na cidade uma empresa de Força e Luz, de propriedade de Manuel Rodrigues.

As pessoas se divertiam assistindo filmes no Cine Ideal, de Inácio Rodrigues; ou participando dos grêmios recreativos e desportivos, como o Centro Operário São José, a Associação dos Empregados do Comércio e o Vera Cruz Futebol Clube.

Era um tempo lúdico de progresso e pujança, de ócio
ingênuo e lindo tal qual escrevera o nosso vate em seu poema retorno.

O SÃO JOÃO DE ESPERANÇA

O São João no município de Esperança, Paraíba, representa muita tradição. Silvino Olavo, em seu poema “*Noite de S. João*” [OLAVO: 137/138] descreve em detalhes o seu ritual.

Na “*Noite de S. João*”, considerada “**santa**”, fogões e balões evocam uma mensagem em homenagem ao padroeiro do mês junino. As senhoras entoam suas novenas nas vozes mais bonitas. As moças vestidas de “*chita*” experimentam adivinhações casamenteiras e desejam ver refletida n'água o seu predestinado; mas pranteiam desconsoladas quando não lhe veem o rosto do amado. Os homens, erguendo o mastro, demonstram a sua força sem se importar com as crianças a brincar no terreiro bem varrido.

Fogueiras são acesas e nas suas brasas o milho arde. Os jovens se dão por compadre e comadre cispando-lhes as cinzas do alto, enquanto outros passam-lhe os pés descalços em sinal de fé. E a criançada solta fogões e rojões esquentando ainda mais a noite.

Nas cozinhas das casas as mulheres se revezam no preparo das comidas típicas: pamonha, canjica, pé-de-moleque e cocadas, enquanto o espigo de milho verde que arde no lenho em brasa.

Antigamente quadrilhas e casamentos matutos aconteciam no pátio do “*Irineu Jóffily*” e em outros locais elas eram animadas por Benício Nóbrega, Antonio Coelho, Teotônio Rocha, Matias Virgolino e Ascendino Portela. Havia rodas de cocos organizadas por Zé Luiz e os irmãos Pichaco Aauto e Honório, enquanto João Benedito fazia versos de improviso com a sua irreverência.

No Cine São Francisco, de Titico Celestino, apresentavam-se artistas renomados como Marinêz e sua gente. E o CAOBE foi palco igualmente de grandes shows, assim como as Amigas do Lar, que costumeiramente neste período faz exposição de artesanato.

Os anos 80 ficaram marcados pelo sincretismo que uniu aspectos do passado com as novas tendências do São João. Assim surgiu em 1989 o “*Arraial da Esperança*”, contando com barracas, ilhas de forró e a participação de quadrilhas de outras cidades, caracterizado por um portal de entrada principal na festa. Destacaram-se neste cenário os locutores Ednaldo Sales e Gera Som; e as bandas Estação da Luz, Lú Natureza e Chico de Pepê.

Em 2004, durante a gestão “*Trabalho com participação*”, os festejos ganharam os bairros com o apoio da Ban Fm (87,9 Mhz) e participação de Luciano André. Nesse período houve considerável efervescência artístico-cultural e surgiram novos artistas, a exemplo de marcadores de quadrilha como Júlio Vanderlâneo do Grupo de Cultura B. Funk e Naldo de Seu Zezinho.

Junho de 2002 foi marcado pela performance de Fernando e Marinalva representando o casal matuto Macambira e Querindina, com muita irreverência e trejeitos que o nordestino conhece bem. E durante a copa de 2006 surgiu o “*Imbirinha*” (Alexandre Santos).

Em 2010 tivemos a primeira edição do S. João de Todos, promovido pela Prefeitura Municipal, com a representação da Vila Banabuyé lembrando as casas baixas ao largo da Igreja matriz.

O artesanato local mereceu igual destaque, pois cada uma das casas da antiga vila abrigou uma especialidade, além de um espaço dedicado à saúde, imprensa e outras secretarias municipais.

Neste íterim não podemos nos esquecer do São João promovido pela Comunidade São Francisco. Com palhoça e muito forró, os Amigos do Bairro conseguem fazer um dos melhores festejos juninos do município.

E em diversas ruas da cidade há apresentação de quadrilhas, folguedos e danças populares durante todo o mês junino.

Este ano a cobertura do São João esperancense se dará através da Ban Fm 87,9 Mhz e dos sites e blogs locais, com ampla divulgação. Também teremos uma reportagem especial da TV Lyrio Verde e a equipe da Luciana

Filmagens e Marcos Fotografia prometem a transmissão ao vivo dos eventos através de um link da Web TV Canal Esperança.

Teremos ainda a tradicional Corrida da Fogueira em sua XIII edição com início às 14h30 e a seguinte premiação: 1º lugar R\$ 400,00; 2º lugar R\$ 200,00 e 3º lugar R\$ 100,00 – cuja maratona passará pelas ruas: Manoel Rodrigues/Solon de Lucena/João Pessoa/Monsenhor Severiano/Campo da Rodoviária/Silvino Olavo/Senador Eptácio/Manoel Palmeira/Travessa Sebastião Nicolau/ Napoleão Laureano/Manoel Henrique/Ginásio o Vovozão/João Mendes/José Andrade/Joaquim Virgulino/Solon de Lucena e chegada ao Arraial da Esperança.

ELISIO SOBREIRA NO COMBATE AO CANGAÇO

O Comandante Elysio Sobreira estava a frente da Força Pública da Paraíba em 1925 e fazia o combate ao movimento denominado “Cangaço”, cujo expoente a nível nacional era conhecido por Lampião.

Natural de Espeança/PB, Elysio Sobreira de Carvalho nasceu em 1878 e faleceu em 1942. O Governador à época - Dr. João Suassuna - confiara-lhe esta missão, ressaltando que o Coronel tinha “*mãos firmes e claro conhecimento da vida da corporação*”.

A Companhia, sob as ordens do esperancense, era auxiliada pelo Capitão Irineu Rangel de Farias, que assumiu a fiscalização do 2º Batalhão Militar.

Sobreira passou então a visitar pessoalmente a sede dos destacamentos paraibanos, inteirando-se das necessidades da tropa e sugerindo providências a bem do Estado, “*sempre com muita clareza, inteligência e economia*”, disse o governante.

O plano de defesa do território paraibano engendrado pelo governador com o apoio do Coronel Sobreira contava com 1.200 soldados dos quais 400 homens guarneciam toda a região do Rio do Peixe [Cajazeiras, Souza, São João e Belém]. Com isso foi possível salvar de saques essas vilas, com exceção da de Piancó a cuja direção tomou o inimigo deixando um rastro de desordens. Eis o registro segundo a grafia do seu tempo:

“Na Villa de Piancó, além do saque e arrombamento de todas as casas commerciaes e particulares, foi inteiramente derramado, com a perfuração das respectivas latas, um depósito de gazolina

de uma das referidas companhias, confiado ao estabelecimento do Sr. Sebastião Dantas” (SUASSUNA: 1926).

Na aludida municipalidade foram queimados o Paço da Prefeitura, a Agência dos Correios e a Mesa de Rendas, além da residência do tabelião Paizinho Azevedo. O comércio foi pilhado, sendo atingido ainda a povoação de Sant’Ana dos Garrotes. Tombaram em combate 23 civis e duas praças além do Padre Aristides Ferreira.

Mas o Estado não se deixou abater e seguindo as orientações do Comandante da Força Policial empreendeu grandes vitórias contra a horda de invasores. Na luta armada entre Pombal e Souza caíram em torno de 40 cangaceiros e 10 foram feitos prisioneiros, sendo os demais obrigados a penetrar em Pernambuco por Navio e Moxotó, em vez de dirigirem-se a Villa Bela.

Inácio Gonçalves de Souza, biógrafo do militar esperancense, anota em sua obra que *“O Coronel Elísio Sobreira esteve sempre a frente dos serviços, pondo em prática as suas valorosas táticas e estratégias, com altivez, segurança e moral elevada” (SOUZA: 2010).*

Acrescenta ainda o escritor a importância da atuação do comandante contra o cangaço na Paraíba:

“(...) eram momentos de muita tensão e medo por todo o interior do Estado, sobretudo, no Sertão e Cariri. Nestas íngremes regiões e micro-regiões, o valoroso Alfares adquiriu o seu merecido conceito e, outras incumbências lhes foram confiadas em defesa da paz e da ordem pública. Sempre efetivando a sua maestria e sapiência, este impávido esperancense honrou com veemência e prontidão a sua Corporação, com lealdade, coragem e muita disciplina”.

O telégrafo funcionava dia e noite com as notícias que seguiam do Sertão. E a par de tudo, o governador enviava as suas instruções ao seu ordenança pessoal, creditando parte do sucesso desta guerrilha ao

valeroso Coronel Sobreira. Em mensagem à Assembléia do Estado, finaliza o chefe do executivo nestes termos:

“Esta corporação, dividida hoje em dois batalhões, continua a prestar, sob a direção do Tenente-coronel Elysio Sobreira, os melhores serviços ao Governo do Estado.

Além da dedicação com que mantém a ordem pública, fructo em grande parte da vigilância e disciplina da polícia militar, foi ella, decidida como sempre, um dos elementos com que me achei no combate aos rebeldes”.

Por sua bravura além desses e outros feitos relevantes é que Elysio Sobreira de Carvalho tornou-se o Patrono da Polícia Militar na Paraíba (Decreto nº 1.238/57), sendo-lhe dedicado o dia 20 de agosto para as comemorações da Corporação a que serviu por longos 35 anos.

INTERVENTOR FEDERAL

EM ESPERANÇA

Visita de Antenor Navarro à cidade de Esperança

Vários fatos se sucederam até que fosse nomeado interventor na Paraíba o dr. Antenor de França Navarro, pelo então presidente revolucionário Getúlio Vargas, no período de 1930 a 1932.

Na mesma época, o fenômeno das secas assolava a nossa região.

Assim é que, “no intuito de atender a situação grave que atravessam as populações das zonas atingidas pela seca”, o sr. Interventor Federal viajou ao interior do Estado, visitando as cidades de Bananeiras, Esperança e Arara, percorrendo as zonas do Curimataú e Agreste paraibano.

Em Esperança, foi recepcionado pelo sr. Manuel Rodrigues de Oliveira, que ofereceu aos viajantes um lanche. Após um breve descanso, o chefe do Estado percorreu a cidade, ouvindo os reclames locais.

Na oportunidade, o sr. Prefeito Inácio Rodrigues, escreveu um telegrama datado de 27 de dezembro de 1930, em que externava a sua satisfação por receber o sr. Governador do Estado.

A visita rendeu a execução de vários serviços públicos, como “limpeza de açudes, reparo de estradas, construções de pequenas barragens, sangradouros, etc.”.

Faziam parte da comitiva o Coronel Elísio Sobreira e o sr. Severino de Lucena.

O regresso se deu pela cidade de Areia.

A CAPELINHA DO PERPÉTUO SOCORRO

A Capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro está erigida sob um imenso lajedo, denominado pelos indígenas de Araçá ou Araxá, que na língua tupi significa “*lugar onde primeiro se avista o sol*”.

O local em tempos remotos foi morada dos Índios Banabuyés e o Marinheiro Barbosa construiu ali a primeira casa de que se tem notícia no município, ainda no Século XVIII.

Diz a história que na década de 20 do século passado houve um grande surto de cólera causando uma verdadeira pandemia. Dona Esther (Niná) Rodrigues, esposa do Ex-prefeito Manuel Rodrigues de Oliveira (1925/29), teria feito uma promessa e preconizado o fim daquele mal. Alcançada a graça, fez construir aquele símbolo de religiosidade e devoção.

Dom Adauto Aurélio de Miranda Henriques, Bispo da Paraíba à época, reconheceu a graça e concedeu as bênçãos ao monumento que foi inaugurado pelo Padre José Borges em 1º de janeiro de 1925.

Este obelisco fica no bairro da Beleza e sua entrada se dá pela Rua Barão do Rio Branco. Nele encontramos uma lápide com a inscrição que motivou a sua construção:

“1º DE JAN. DE 1925. MANUEL RODRIGUES DE OLIVEIRA E SUA ESPOSA ESTHER F. DE OLIVEIRA, MANDARAM CONSTRUIR ESTE MONUMENTO, COMO UM ACTO DE AGRADECIMENTO A VIRG. SS. DO PERPETUO SOCORRO, POR MERCÊS POR ELLES ALCANÇADAS. MERECEU APROVAÇÃO DE SUA EXCIA. REVMA. D.ADAUCTO,

*ARCEBISPO DA PARAHYBA, E CONCURSO DO POVO E DO
PE. JOSÉ BORGES QUE O INAUGUROU SOLENIMENTE”.*

Em maio de 1925, o governador João Suassuna, de passagem por Esperança, visitou a capelinha juntamente com a sua comitiva o que foi registrado pela revista Era Nova.

Em seu interior existe um altar em alvenaria e imagens católicas. Diz-se ainda que um jornal da época noticiou esse fato, cujo quadro emoldurado fazia parte do seu acervo.

O hino de sua evocação é de autoria de Sebastião Florentino de Medeiros (Basto de Tino). A sua letra permaneceu esquecida no tempo e só recentemente foi resgatada pela poetisa e ativista cultural Vitória Régia Coêlho, por ocasião do Centenário desta Paróquia do Bom Conselho:

Homenagem

De longe se avista
Bem pertinho desta cidade
Um monumento erguido
No mosteiro da felicidade
Contam os mais velhos
Que conhecem o seu passado
Que ali foi uma promessa
Que alguém deixou gravado
É nesta linda capela
É neste pequeno morro
É onde se venera
A Senhora do Socorro
Bem de perto da capelinha
Têm uma linda paisagem

Nas águas que ali existe
Reflete a sua homenagem
É nesta linda capela
Gravada em letras se ver
A homenagem
Ao seu Divino Poder.

Comenta-se ainda que o Padre João Honório de Melo em sua administração paroquial (1935/1951) determinou a remoção da imagem da Capelinha para a Igreja Matriz, ato que gerou muita polêmica entre os cristãos locais. A cidade ficou em povorosa.

Um dos filhos de Dona Niná, ficou bastante comovido e teria solicitado de uma autoridade eclesial o retorno da imagem ao seu lugar de direito. E pedido fora atendido de imediato e os devotos da Imaculada Virgem do Bom Conselho acompanhado a recolocação da imagem ao seu lugar de costume.

Lenda ou não, deste fato nos dá notícia o historiador Martinho Júnior em seu belo trabalho para a Universidade Estadual da Paraíba, em conclusão de sua especialização.

Em 2008 o monumento passou por um intenso processo de restauração. O Monge Beneditino Adriano de Lima, especialista no assunto, trabalhou durante 45 dias naquela obra removendo toda a pintura antiga até chegar na camada original. Ainda foram recuperados o altar-mor e as portas da capela.

A Capelinha recebe visitaçãõ de curiosos e turistas que querem conhecer o lugar e sua história, o qual além de tudo possui uma visão privilegiada da cidade. Esta capela pode inclusive ser catalogada como a menor capela do mundo pelo *Guinness Book*.

1949: AMÉRICA 4 X 2 MAGUARI

“Festivamente Recebida em Esperança a embaixada do Maguari”

Reportagem Especial

O título da matéria noticiava a vitória do time local pelo *score* de 4 x 2 sobre a equipe do Maguari. Na época, o América de Esperança era o temível do brejo e contava com um plantel de primeira linha. Segundo a crônica esportiva, este foi um *“um acontecimento de destaque na sociedade e nos meios esportivos da cidade de Esperança”*.

Foram prestadas homenagens a equipe visitante, que chegou aqui de ônibus às 9 horas da manhã sendo recebido pelo grêmio futebolístico e numeroso grupo de pessoas.

A delegação do Maguari foi *“hospede de honra das famílias José Vital Sobrinho, Antonio Coêlho e Antonio Carolino Delgado, enquanto que os demais ficaram hospedados nas dependências do ‘Clube São Cristóvão’, dotados do maior conforto”*.

A partida de futebol envolvendo as duas agremiações aconteceu à tarde, na presença de cerca de três mil pessoas. Disse o repórter: *“O jogo decorreu com grande movimentação e lances sensacionais, tendo o numeroso público vibrado de entusiasmo com as jogadas dos 22 preliantes. No final o quadro local saiu vencedor (...) vitória esta inédita e merecida”*.

Golearam: Adalberto e Pé de Aço para os visitantes. E no time da casa: Gilvan (2) e Nerde (2). A partida foi apitada pelo Sr. Severino Bezerril e as equipes estavam assim formadas:

Maguari: Alberto, Calimério e Babu; Armando, Zé Armando e Walfredo; Pé de Aço, Ademar, Nica, Baby, Ribeiro, Adalberto e Zezito.

América de Esperança: Didié, Eloi e Siba; Edmilson, Tota e Mafia; Piaba, Gilvan e Janduí, Nerde e Lú.

À noite o América realizou uma sessão para saudar os embaixadores do time pessoense. O orador do clube, usando das palavras, externou a alegria e a satisfação pela presença do Maguari naquela cidade. Aloysio Rodrigues, Chefe da Seção de Esportes d'A União, usando da palavra, agradeceu em nome dos visitantes as homenagens. Em seguida, teve lugar um animado baile.

ESPERANÇA 2º ANIVERSÁRIO

Reportagem de Capa do Jornal “A União”

Publicada em 02 de dezembro de 1927.

A União, órgão Oficial do Governo Republicano da Paraíba, em atenção as comemorações do 2º Aniversário de Emancipação Política de Esperança, publicou em seu diário as seguintes notas:

“Transcorreu ontem o 2º Aniversário de criação do município de Esperança, tendo sido a data lembrada naquela vila entre expressivas demonstrações de júbilo.

O Sr. Presidente João Suassuna, em cuja administração se positivou a autonomia daquela comuna, recebeu a propósito o seguinte telegrama:

Esperança 1 – Povo desta vila tem o mais vivo entusiasmo solenizar data hoje segundo aniversário independência, graças benemérito governo v. exc. a quem devemos concretização absoluta nossos anseios cívicos. Atenciosas saudações. - Manuel Rodrigues”.

Ao nosso prezado amigo comandante Elysio Sobreira, chefe político de Esperança, foi transmitido o seguinte despacho:

Esperança 1 – Nome patricios cheios vivo entusiasmo data hoje segundo aniversário nossa Esperança congratulo-me prezado amigo feito memoráveis benemérito presidente. Salve lei de 24. Abraços. – Manuel Rodrigues”.

E num segundo momento, estampa em sua capa de forma especial:

“O 2º Aniversário da Emancipação de Esperança

ESPERANÇA, 1 – Festeja-se hoje com grande entusiasmo a data do segundo aniversário da nossa independência política.

O povo entusiasmado aclama o nome do presidente João Suassuna, a quem se deve a emancipação de Esperança (Especial)”.

Como bem sabemos, a independência política foi fruto de uma resistente luta travada pelo Coronel Elísio Sobreira, Chefe da Polícia do Estado e líder político desta comuna, apoiado que fora pelo poeta Silvino Olavo que era amigo do Governador e privava de sua intimidade, inclusive indo veranejar na Capital em sua residência na praia de Camboinha.

Em dias de maio de 1925, a pretexto de se inaugurar o sistema de energia à motor nesta cidade, compareceu João Suassuna na casa de Manoel Rodrigues onde recebeu inúmeros pedidos e fora saudado por Silvino Olavo em seu inflamado discurso – Esperança, Lírio Verde da Borborema - , onde se pretendia a independência municipal.

Os fatos eclodiram no Projeto de Lei nº 13 de autoria do Deputado Antonio Guedes, líder da Assembléia Legislativa, e que culminaram com a edição da Lei nº 624 de 01/12/1925.

Hoje são passados 85 anos e temos muito a comemorar!

LIVRAMENTO CONDICIONAL

Os primeiros liberados neste Estado

Em março de 1926, o poeta esperancense *Silvino Olavo da Costa* era nomeado 1º Promotor Público da Capital paraibana, passando a integrar o Conselho Penitenciário do Estado.

Neste mesmo ano entra em vigor o Decreto nº 16.665, que estatuiu entre nós o Livramento Condicional, cujos primeiros beneficiários foram egressos das comarcas de Bananeiras e Mamanguape.

O Conselho, cuja finalidade era a de emitir pareceres sobre a liberdade dos condicionados, foi instalado em maio, sendo constituído por “*autoridades, advogados e médicos*” (SUASSUNA: 1927, p. 58). Fazendo parte, além do nosso ilustre poeta: Guilherme da Silveira, advogado; José Américo de Almeida, Consultor Jurídico do Estado; Adhemar Vidal, Procurador da República; Irineu Joffily, advogado; os médicos Newton Lacerda e Joaquim de Sá e Benevides; e o Diretor da Cadeia Dr. Arthur Urano. Silvino Olavo ocupava uma vaga em substituição ao Dr. Manuel Paiva, Procurador Geral do Estado.

A cerimônia de liberação aconteceu às nove horas do dia 7 de setembro de 1926. O Dr. José Américo presidiu a solenidade que contou com o comparecimento de “*autoridades, magistrados, advogados e pessoas grandes da nossa sociedade e sob as formalidades que a nova lei preceitua*” (A União: 09/09/26).

Na abertura, o Presidente daquela comissão fez uma síntese do conceito e finalidade do novo instituto, exortando os demais detentos a alcançarem igualmente por mérito aquele benefício que então se inaugurava na Paraíba. “*Arrepende-se é um conflito interior; é punir-se a si próprio. Mas é esse o mais seguro processo de regeneração*”, disse o autor de A Bagaceira.

Foram lidas as sentenças de Bananeiras e Mamanguape e postas as condições para a liberdade condicional aos condenados, sendo cumpridas as demais formalidades do decreto. Um dos liberados agradeceu o Conselho e proferiu palavras de despedidas aos companheiros de prisão.

O Centro Acadêmico “*Adolpho Cirne*” e um representante do jornal “A União”, compareceram e se incorporaram à solenidade.

INAUGURAÇÃO DO COLÉGIO ESTADUAL

O Governador Pedro Moreno Gondim visitou Esperança no domingo de 19/07/1959 onde inaugurou obras e melhoramentos públicos, demorando-se bastante nesta comuna. Na chegada, às 10 horas, foi recebido pelo deputado Chico Souto e bacharel Arlindo Delgado, além de autoridades e grande multidão. Logo após foi recepcionado pelo Padre Manuel Palmeira, que manifestou o seu regozijo e, em seguida, com um desfile dos colegas em praça pública.

O Chefe do Executivo Estadual em improviso agradeceu as palavras elogiosas e assinou, naquela oportunidade, o contrato para o abastecimento d'água desta cidade, a ser realizado pela construtora Pan América.

Ato contínuo rumou para o local onde seria construída a maternidade e lançou ali a pedra fundamental daquela casa de saúde. E procedeu a inauguração da Escola Estadual "Monsenhor José Coutinho".

Ao fim da manhã, visitou repartições públicas e conversou com os agentes da coletoria, seguindo para a Escola "Irineu Joffily", onde lhe foi oferecido um banquete.

À tarde, o Governador inaugurou o Tanque do Reinaldo e visitou o Tanque de Lagoa de Pedra, ainda em construção. Após o que retornou à João Pessoa.

Integravam a Comitativa do Governador o Secretário de Viação e Obras Públicas, Sr. Robson Espínola e seu Secretário Particular, bacharelando Waldir dos Santos Lima, engenheiro Benigno Waller Barcia, Germano Bordiga, Euvaldo Ouro, padre José Coutinho, tenente Belmont, Ajudante de Ordens e o Sr. Antonio de Melo, diretor da Loteria do Estado.

O PASTORIL DE ESPERANÇA

O pastoril é um folguedo popular exibido por garotas e mocinhas que defendem suas correntes, vermelha e azul. A temática gira em torno do nascimento de Cristo.

A dramatização representa o nascimento do menino Jesus, através de canções que contam a aventura das pastoras em visita a manjedoura de Belém. É uma forma animada de se transmitir a história ao longo dos tempos.

Em Esperança a encenação ganhou força na década de 50, sendo comandado por duas senhoras: Corina Cabugá e Dedita. Esta apresentação acontecia após os atos lito-litúrgicos da padroeira, em frente a “*Loja Ideal*” de Manuel Rodrigues.

Durante a exibição cada uma delas desfila e canta para arrecadar dinheiro para os trabalhos da igreja. Em alguns momentos os partidários chamavam uma em particular e alfinetavam dinheiro em sua bandeira. Havia ainda as figuras do pastorinho e da cigana. No final todo o montante arrecadado era doado ao patrimônio da igreja.

Posteriormente os trabalhos foram coordenados por Dona Hilda Batista e Vitória Régia Coêlho.

Em 2009 a encenação voltou a se realizar nas ruas de Esperança organizado por Vitória e Socorro Aparecida do Departamento de Cultura Municipal.

O evento foi registrado pelas lentes de Rodolpho Raphael do site *Notícias Esperancenses*. Cerca de vinte moças disputaram a atenção dos esperancenses no largo da Igreja Matriz, próximo ao Calçadão. E com muita desenvoltura defenderam as cores dos cordões mantendo viva a tradição do pastoril em nossa cidade.

SOL N’O JORNAL

Como é sabido, o poeta Silvino Olavo colaborava com diversos jornais e periódicos da Paraíba e de outros Estados, o que fazia valendo-se da correspondência epistolar. Dentre eles, destacamos “O Jornal”.

Em matéria de 17 de janeiro de 1926, publicava A União a nova fase deste noticiário, que seria inaugurada em fevereiro daquele ano “*de modo a satisfazer os interesses do público*”.

Na época, o folhetim havia adquirido um novo prelo, do tipo “Marinoni”, com dupla expulsão automática. A aquisição desta máquina assegurava “*em condições eficientes, uma vultosa e fácil tiragem*”.

E conclui a matéria: “*Reina uma simpática expectativa em torno da nova fase deste órgão da nossa imprensa, que circulará dentro em breve, sob a direção política e intelectual dos drs. José Gaudêncio e **Silvino Olavo***” (Grifei).

CAIXA DE CONSERVAÇÃO DE ESTRADAS

Publicado originalmente no Jornal "A União"

Para a caixa de conservação de estradas.

Os Srs. Manuel Rodrigues, Joaquim Colaço e Pedro Munis de Britto, antes de passarem os exercícios dos cargos de prefeito de Esperança, Alagoa Nova e Itabaiana, fizeram recolher da respectiva Mesa de Rendas os 10% da receita municipal do mês de janeiro, destinados por lei para a construção e conservação das estradas de rodagem do Estado.

São as seguintes as importâncias recolhidas: Esperança – 617\$490; Alagoa Nova – 890\$880 e Itabaiana 2:480\$200.

SILVINO OLAVO NA IMPRENSA PERNAMBUCANA

O esteta da poesia Silvino Olavo da Costa colaborou durante algum tempo com a imprensa pernambucana escrevendo para jornais, revistas e boletins. Destacamos aqui as suas principais atuações nesses periódicos.

Estrellas de Junho – revista familiar de sortes editada pelo Diário de Pernambuco, dedicada “*as noites de Santo Antônio, São João e São Pedro*”. Surgida em 1915, registrava fatos, coisas de época e literatura, dirigidas às famílias e em especial crianças.

Brasil-Portugal – revista mensal de intercâmbio luso-brasileira, dirigida por Nelson Firmo e Souza Barros. Trabalho gráfico da oficina do jornal Diário da Manhã e colaboração escolhida. Silvino Olavo integrava o número de colaboradores ao lado de figuras como Eudes Barros, Álvaro Lins, Baltazar da Câmara e outros.

Pé de Moleque – Livro de sortes e revista de Fortunato Sapeca que circulou em junho de 1933, com 100 páginas no formato 21 x 15 cm, impressa em papel cuchê e ilustrada à caráter com o fim de “*reavivar o fogo sagrado da tradição e do regionalismo das festividades sanjuanescas*”. A publicação trazia anedotas, curiosidades, sortes e trabalhos literários assinados por Silvino Olavo, Leopoldo Lins, Jaime de Santiago, J. A. da Silveira, dentre outros.

Diário da Manhã - Em artigo especialmente publicado no Diário da Manhã, Silvino Olavo põe em choque o regime atual da política no país diante das eleições presidenciais que se aproximava. E fazendo referência aos Estados de Minas e Rio Grande do Sul, que juntamente com a Paraíba, caminhavam num mesmo sentido, considera que estes seriam capazes de romper com o sistema vigente à época.

Jornal do Commercio – diário “*dedicado aos interesses das classes conservadoras e do Estado em geral*”. De propriedade de João Pessoa de Queiroz, iniciou sua circulação em 3 de abril de 1919, fazendo, realizando a propaganda da candidatura Epiácio Pessoa à Presidência da Republica. A edição de aniversário de 1928 contou 48 paginas da qual incluía a colaboração especial dos intelectuais Silvino Olavo, Afranio Peixoto, Costa Rego, Amélia de Freitas Bevilaqua, Clovis Bevilaqua e outros, afora a "Pagina de Portugal", "Jornal das Crianças", "Mundo das Letras", "Hortas e Campos", "Cruzada Contra a Verminose", etc.

Diário da Tarde – possuía aspecto moderno e iniciou circulação em 17 de dezembro de 1928, sendo chefe de redação José Campelo. A edição de 6.º aniversário contendo 24 paginas apresentou alegorias de Manuel Bandeira, na primeira e na ultima, com colaboração especial de Silvino Olavo, Origenes Lessa, Abelardo Araújo Jurema e outros escritores de renome.

Revista Pernambucana – publicação quinzenal de literatura surgida em 1920. Ilustrada, bem trabalhada e com clichês e vinhetas em papel em cor, onde “figuram os nomes de conceituados beletistas do norte, destacando-se as seguintes colaborações: *Bailado rubro das chamas*, Joaquim Inojosa; *Nocturno brasileiro*, Silvino Olavo; *Clarões e sombras da cidade do oiro*, Geraldo de Andrade; e *a Bailarina perdia dos céus*, Emydio Miranda” (A União: 1926)

Eis aqui um breve apanhado das participações de SOL na imprensa pernambucana.

NOTÍCIAS SOBRE UMA ESTRADA DE FERRO

A Conde D’eu foi a primeira estação de trem da Paraíba. Surgida em 1871 por concessão do Governo Imperial, ligava a atual cidade de João Pessoa ao interior do Estado. A sua construção, porém, teve início em 1880 através da *The Conde D’eu Railway Company Limited*, e seus trilhos chegaram à Mulungú em setembro de 1883.

Em 1901, esta concessão foi transferida para a *Great Western*. E em 1907 seus trilhos alcançaram Campina Grande. Eles trouxeram um vigor novo de aglomeração e fundo comercial. Cidades importantes e de certa forma suas rivais, passaram a ser beneficiadas.

Mas o fato é que, quando se deram as discussões a cerca da implantação de uma estrada de ferro de penetração havia a possibilidade de sua passagem por Esperança.

O ponto inicial dos trilhos seria Campina Grande, embora a opinião dominante defendesse o prolongamento do ramal que partia de Alagoa Grande.

O projeto da Inspeção de Obras Contra as Secas, elaborado em 1919, previa a interligação do Sertão à Estação de Paiano, no Ceará; e o Brejo à Estação de Nova Cruz no Rio Grande do Norte, via Guarabira.

Segundo o plano do IFOCS, esta estrada deveria dirigir-se à Cajazeiras no sertão paraibano, passando antes pelas cidades de Alagoa Grande, Areia, Remigio e Esperança. Daí prosseguindo até alcançar Pocinhos, Juazeirinho e seguindo até Cajazeiras, numa extensão de 439 quilômetros.

José Américo de Almeida quando discute “A Paraíba e seus problemas”, nos dá a seguinte notícia:

“Eis o traçado da estrada. Qualquer que seja a companhia que se organizar para levar a efeito semelhante traçado (...). Da estação do Mulungú

partirá um outro ramal na direcção de Alagôa Grande, Brejo de Areia e Esperança”.

O Engenheiro Francisco Soares da Silva Retumba, responsável pela obra, assim opinara:

"Penso que a província da Parahyba tem de ser cortada algum dia por uma extensa rêde de caminho de ferro: é isto indispensavel ao desenvolvimento de sua agricultura, á exploração de suas riquíssimas minas de toda a natureza e, mais que tudo, à introdução da sciencia e da instrucção em toda a sua extensão do território parahybano."

Mas o projeto nunca saiu do papel. Há quem diga que políticos influentes teriam desviado este entroncamento para outras paragens. Mas esse fato em nada influenciou o nosso município, que continuou crescendo e hoje centraliza a maioria das atividades do brejo, impondo-se como centro comercial forte e importante colégio eleitoral do Estado.

Na figura ao lado observamos as fachadas frontal e lateral da “*Estação Esperança*”, do acervo do juiz aposentado e historiador Dr. João de Deus Melo.

SILVINO OLAVO: PELA ORDEM

Em 1926 noticiava A União o avanço da Coluna Prestes na Paraíba. Os fatos, por esta folha, foram denominados sob o título geral “Pela Ordem e Contra a Revolta”, que se seguiram durante vários dias a partir do dia 05 de fevereiro daquele ano.

A nota tomou grande espaço na primeira página, e pode ser resumida assim em seu primeiro parágrafo:

“Como é de domínio público, os rebeldes, ao mando de Prestes, Siqueira Campos e outros, rechachados no Maranhão e Piauí, internaram-se para o Estado do Ceará, e, depois de uma série de correrias, ataques e sortidas, rumaram para as fronteiras da Paraíba e Rio Grande do Norte” (A União: 5/02/1926).

A estes acontecimentos seguiram-se inúmeros votos de solidariedade ao chefe do executivo paraibano, que se empenhou na luta tendo o apoio militar do Cel. Elysio Sobreira, comandante da Força Policial.

A comunidade de Esperança, além deste filho ilustre, externava os seus préstimos. Anote-se daquele jornal “*os aplausos e testemunhos de solidariedade recebidos pelo chefe do governo*”, como se vê do telegrama seguinte:

“Esperança, 7 – Caso necessite serviços ofereço pequenos préstimos defesa Estado e legalidade – Arthur Sobreira” (A União: 9/02/1926).

O cotejo que segue diz respeito ao discurso do Dr. **Silvino Olavo**, grande amigo do Presidente Suassuna, se confraternizando com o seu governo neste embate.

Feitas estas considerações, apresentamos pois a publicação da época:

Discurso parcial do Dr. Silvino Olavo da Costa

“(...) Senhor presidente – Se a forma de nossa Constituição implicasse uma solução desse problema, estamos cientes que estas fórmulas não garantiriam.

Precisamos de homens decididos como vossa exc., de homens que sabem respeitar a soberania que está nos canones da Constituição.

A mocidade vem hipotecar-vos toda a sua solidariedade.

Ela está conscienciosamente convencida que é pela energia que se há de levar à frente esta grande obra.

Essa mocidade está disposta a cingir as armas.” (Silvino Olavo).

A fala foi muito aplaudida e ao final o dr. Silvino Olavo uma mensagem ao dr. João Suassuna, que agradecendo o gesto enalteceu as qualidades do orador nestes termos:

“(...) Muito obrigado por esta manifestação eloqüente e cordial, prestada com o concurso da palavra que acaba de nos encantar, repassada no vigor de uma mocidade em plena florescência, iluminada para um talento de escól e o que é mais para admirar, cheia de senso e ensinamentos, a propósito dos problemas mais graves de um povo.”.

Silvino privava do convívio com a família SUASSUNA, a quem em oportunos momentos sempre recitava o poema ÍCARO, dedicado ao amigo.

ESPERANÇA 85 ANOS

Reportagem Especial

Publicada no site Notícia Esperancense

Em 01 de dezembro de 2010.

Esperança Completa hoje 85 Anos e muitos ainda não conhecem um pouco de sua História, terra de grades nomes, como Silvino Olavo, Padre Zé Coutinho, Elizio Sobreira e Diversos outros personagens que fizeram a História do Lírio Verde da Borborema como Assim Denominava Silvino Olavo em um dos seus Poemas.

Hoje podemos dizer que Esperança é uma cidade pólo entre as suas circunvizinhas, devido ao seu aspecto econômico, Político e Social. Atualmente conta com 31.095 habitantes segundo o Censo de 2010 e Pertence à microrregião de mesmo nome, e da Região Metropolitana de Campina Grande. Sua extensão territorial é de 146,2 km². Portanto, sua densidade demográfica é de aproximadamente 212,6 hab/km².

Os moradores nativos do território que atualmente constitui o município foram os índios Cariris, da tribo Banabuyê. Apesar da resistência, os portugueses conseguiram expulsá-los. O primeiro colono que tomou posse das terras de Esperança foi o português Marinheiro Barbosa. Sua casa foi construída perto de um reservatório de água (Tanque do Araçá), cuja localidade é hoje conhecida como “Beleza dos Campos”, hoje oficialmente bairro.

Possivelmente Marinheiro Barbosa abandonou suas terras. Anos depois chegaram três irmãos, também portugueses: Antônio, Laureano e Francisco Diniz, cujas casas ficavam onde atualmente é a Avenida Manoel Rodrigues, a principal da cidade.

O primeiro nome do povoado foi Banabuyê, por conta da tribo Cariri, da sesmaria datada em 1713 medindo cada uma 3 (três) léguas de comprimento

por 1 (uma) de largura, compreendendo a de Lagoa de Pedra, de Umbigada, de Lagoa Verde e a de Banabuié.

Desta última surgiu uma fazenda de igual nome e que perdurou até 1860, de onde teve origem uma pequena povoação e uma feira, sendo passagem para o brejo e o sertão, ano em que foi construída a primeira capela, em cujo lugar atualmente se situa a igreja Matriz, pelo primeiro missionário católico a instalar-se na região, o Frei Venâncio. Há uma hipótese de que a construção da capela foi financiada por uma senhora, como voto para eliminar um surto de cólera-morbo. A igreja atual é a ampliação da antiga capela.

Outro nome que a cidade recebeu foi Boa Esperança, em 1872. Em 1908, foi criada a freguesia de Esperança.

E em 1885, instalou-se a agência dos Correios e Telégrafos local, cujo agente era Antônio Albuquerque Lima.

Dom Aduino criou a Paróquia de Esperança no dia 20 de Maio de 1908, tendo a frente dos trabalhos o Padre Francisco Gonçalves de Almeida.

Dado a crescente urbanização local surgiu a necessidade de sua elevação a categoria de município.

Em maio de 1925, iniciou-se um levante em prol da sua emancipação política. Esse movimento ganhou força no inflamado discurso de Silvino Olavo, que declamava: “Esperança – Lírio Verde da Borborema”.

A idéia foi ganhando novos adeptos, entre eles, o Coronel Elísio Sobreira, Chefe de Polícia do Estado, que muito se empenhou neste sentido.

A luta pacífica e intelectual em prol desta causa continuava. Assim é que o Deputado Antônio Guedes, que na época era prefeito de Guarabira e líder da Assembléia apresentou na Câmara Legislativa o Projeto de Lei nº 13, que dava origem a cidade de Esperança e que seria aprovado em 16 de novembro de 1925, após três discussões a que se opunha o também parlamentar Padre Aristides.

Finalmente, no dia 1o de Dezembro de 1925, era publicada no jornal “A União” a que criava a cidade Esperança.

Mas o município somente foi instalado em 31 de dezembro de 1925, tendo Manuel Rodrigues de Oliveira assumido a condição de prefeito. O ato de posse do primeiro gestor municipal foi tomado pelo Dr. João Marinho da Silva, Juiz Municipal, na presença de diversas autoridades, procedendo-se em seguida a

comunicação formal ao Governador do Estado por meio de telegrama, que na época foi publicado no jornal “A União“:

“Tenho a honra de comunicar Vossência instalação município toda solenidade após compromisso assumi exercício cargo prefeito. Povo aclama nome vossencia pelo muito interesse causa Esperança. Protestando a vossencia toda a minha gratidão honrosa nomeação asseguro incondicional apóio ao brilhante fecundo governo vossencia. Cordiais saudações. Manuel Rodrigues”

E ao ilustre Deputado Antônio Guedes, as autoridades nomeadas escreveram o seu regozijo pelo aclamado apoio e incentivo na criação do Município:

“Ao ilustre líder da maioria desta ilustre Corporação. Esperança livre vem trazer uma palavra de agradecimento pela apresentação do projeto sua independência. Os habitantes desta localidade reconhecidos nobres senhores deputados signatários e interessados passagem aludido projeto rogam a v. ex. Fineza apresentar aos mesmos a gratidão de Esperança autônoma e vitoriosa. Saudações cordiais.” (Jornal “A União”, 1925)

Dois antigos distritos do município se emanciparam politicamente: Areal (em 1961) e Montadas (em 1967). Atualmente, além da sede, Esperança é composta pelos distritos de Massabielle, São Miguel e Pintado, sendo esse último elevado a essa categoria através da Lei Municipal nº 1.271/2008, de 20 de maio de 2008.

A CHEFIA POLÍTICA DE ELÍSIO SOBREIRA

Com a emancipação do município de Esperança, o Coronel Elycio Sobreira, Comandante da Polícia do Estado, foi alçado pelo Dr. Solon de Lucena à condição de Chefe Político do novo município. Assim é que indicado pelo Partido Republicano foi aceito seu nome para este cargo tão importante.

Vindo então a esta cidade, recebeu diversas manifestações de carinho e solidariedade.

Um correspondente especial d'A União foi enviado a esta cidade para colher as impressões do seu povo. *“Parecia-nos que naquele momento um sopro novo de energia vinha animando a vida esperancense. E todos confraternizados, faziam questão de estreitar cordialmente a figura varonil do novo chefe político deste município”*, escreveu para o jornal em janeiro de 1926.

O Coronel Sobreira chegou a esta cidade às trezes horas, sendo recebido por uma girândola de fogos de artificios, acompanhadas por vivas e aclamações. *“(...) tudo denunciava o calor que se apoderava da alma deste povo, grande e heróico na sua dor, sublime e altivo na sua vitória”*.

Severino Diniz apresentou-lhe os cumprimentos de boas vindas a quem agradeceu comovido o comandante. À noite, no paço do Conselho Municipal, a mocidade ofertou-lhe um baile que transcorreu na mais íntima cordialidade.

Em seguida ficou hospedado na vivenda do Sr. Manuel Rodrigues de Oliveira, onde a noite proporcionava um aspecto deslumbrante e encantador daquela vila.

Pela manhã foram os convivas foram surpreendidos com um telegrama do dr. Solon de Lucena, dirigido ao novo chefe político daquela comuna. À noite desse mesmo dia, na vivenda do Sr. Manuel Rodrigues de Oiveira,

A sociedade organizada compareceu para prestar-lhe as homenagens, destsacando-se a dos Empregados do Comércio e a do Círculo Operário

São José. Fizeram uso da palavra nesta ocasião Theotônio Rocha e Bartholomeu de Barros, representando os comerciários, enquanto o pároco José Borges falou em nome da entidade religiosa. A essas saudações agradeceu Severino Diniz em nome do homenageado.

Em seguida, foram conduzidos ao “Ideal Cinema”, onde o povo esperancense ofertou-lhe um baile festivo. Disso nos dá conta o repórter, nos seguintes termos: *“Ao transpor os umbrais daquela casa de diversões o Cel. Sobreira, foi alvo da mais significativa prova de consideração que lhe tributava a família esperancense. Foram aclamados os nomes dos drs. Solon de Lucena, João Suassuna, Carlos Pessoa e Cel. Elysio Sobreira, como inconfundíveis benfeitores da nossa causa.”*

Uma nova salva de foguetões ganhou o céu de Esperança, alongando-se pela madrugada a animadíssima dança.

Amanhecido o dia aparelhava-se o militar comandante quando é novamente surpreendido com a banda de música de Alagoinha e seu amigo Alfredo Moura, que *“com palavras cheias de harmonia e encanto”* brindava o visitante esperancense. Severino Diniz fez as honras e agradeceu os elogios.

À noite no “Ideal Cinema” houve nova danças oferecidas ao Cel. Sobreira. As famílias se congratularam com o honradíssimo chefe político, das quais destacavam-se a família Leitão, Cerqueira Rocha, Henriques [dr. João Henriques], Diniz, Rodrigues, Protázio, e muitas outras.

Por fim, depois de tanto alarde e confraternizações, partiu o comandante agradecido por todas as manifestações carinhosas devotadas a sua pessoa, às dez horas do sábado com destino à Capital, *“deixando Esperança saudosa, num verdadeiro ambiente de paz, harmonia e solidariedade”*.

1945: FESTA DA PADROEIRA EM ESPERANÇA

Noticiava “A União”, de 24 de janeiro de 1945, o êxito da festa da padroeira de Esperança, N. S. do Bom Conselho. Dizia o periódico que “*Decorreu muito animada a festa da padroeira da cidade*”, de onde surgiu uma “*Vitoriosa campanha para a construção de um colégio*”.

Por esse tempo administrava a paróquia o Padre João Honório, o qual lançara a idéia de se construir um ginásio para os estudantes locais, embrião do Ginásio Diocesano inaugurado depois por Dom Palmeira.

Dois grupos disputavam a atenção dos esperancenses: Baianas e Camponesas, que angariaram sessenta e três mil cruzeiros, que mereceram simpatias populares pelo seu devotamento à causa nobre da educação local.

O novenário solene tivera início dia 6, com término dia 14 de janeiro de 1945. As solenidades religiosas foram muito concorridas e a Igreja Matriz bem ornamentada, encantava a todos.

Os festejos profanos, por sua vez, alcançaram extraordinária animação, com carrosséis e barracas de prendas nas principais vias da cidade.

No detalhe da foto, o grupo das Baianas, formado por: Hilda Batista, Creusa Luna, Elisabeth Costa, Maria Madalena, Celizete Costa, Terezinha Medeiros, Maria das Neves, Nenem Jacintho e Maria Auxiliadora Azevedo.

AMIGAS DO LAR DE ESPERANÇA

Associação das Amigas do Lar de Esperança foi criada pela ação marcante da Sra. Diva Trigueiro Ferraz – extensionista social da antiga ANCAR, hoje EMATER - que passou a incentivar um grupo de senhoras que buscavam a todo custo realizar algo marcante e significativa na sociedade.

Fundada em 20 de março de 1963, é uma “associação civil, apolítica, sem fins lucrativos, puramente filantrópica, que visa a promoção humana social”, com o nome de Associação de Economia Doméstica União e Progresso de Esperança – AEDUPE. Que foi alterado em 1968 para Associação das Amigas do Lar de Esperança – AALE, cuja denominação permanece até os dias atuais.

Sua primeira presidenta foi Antonieta Alcoforado Costa, sócia fundadora e efetiva da AALE. E a primeira sócia colaboradora a senhora Juliana Taveira.

Possui duas categorias de sócias: efetivas (que freqüentam regularmente as reuniões e prestam trabalhos educativos e profissionais) e cooperadoras (colaboram de acordo com as suas disponibilidades), cujos interesses eram voltados para a promoção da família e da sociedade. Sua diretoria é composta de 09 (nove) membros, dentre Presidente, Secretário, Tesoureiro, Conselhos Social e Técnico, além de uma oradora.

Reconhecida de utilidade pública pela Lei Municipal n. 143, de 31 de julho de 1968, é regida por um estatuto social que foi publicado no Diário Oficial de 22 de outubro de 1969, ano em que a associação adquiriu personalidade jurídica.

O seu emblema é uma lança, uma casa e a família, significando que a associação trabalha em prol do lar e da comunidade. A balança desperta a importância do equilíbrio que deve existir entre ambos. E seu lema: “União na família, paz entre os homens”. Suas cores são o branco (paz) e o vermelho (amor). E seus

compromissos: trabalhar para a glória de Deus, pela felicidade da família e grandeza do Brasil.

A cada ano era elaborado um plano de atividades a serem desenvolvidas pelas senhoras, como visitas, cursos, treinamentos, encontros, demonstrações, exposições, comemorações e eventos.

Em 2003, o quadro social da entidade estava assim constituído: 25 associadas, sendo 20 efetivas e 5 cooperadoras, entre elas: Inácia Celestino, Maria das Neves Costa, Maria Nazaret Cunha, Josefa Vieira Rodrigues, Maria Coeli Ferreira de Andrade, Socorro Câmara, Bernadete Coêlho Lins, Josefa Firmino, Vitória Régia Coêlho, Ana P. Leite Nóbrega, Janete Alves e Terezinha Celestino. Nesse ano foi realizada uma vasta programação, em comemoração ao jubileu de rubi da AALE.

Agradecemos ao jornalista Evaldo Brasil, que gentilmente nos cedeu uma edição do jornal da AALE, possibilitando a pesquisa e a escrita desta matéria especial.

Edições
Banabuyê

Digitalização: EPDOC

® Esperança/PB: 2011

Sumário:

Notas sobre o autor	3
Á guisa de prefácio	4
A história de Esperança	5
Túnel do tempo: Esperança em 1899	9
Túnel do tempo: Esperança em 1909	11
Túnel do tempo: Esperança em 1933	13
O São João em Esperança	16
Elycio Sobreira no combate ao cangaço	19
Interventor Federal em Esperança	22
A Capelinha do Perpétuo Socorro	23
1949: América 4 x 2 Maguari	26
Esperança 2º Aniversário	28
Livramento Condicional	30
Inauguração do Colégio Estadual	31
O pastoril em Esperança	32
Sol n'O Jornal	33
Caixa de Conservação de Estradas	34
Silvino Olavo na imprensa pernambucana	35
Notícias sobre uma estrada de ferro	37
Silvino Olavo: pela ordem	42
Esperança 85 Anos	41
A chefia política de Elycio Sobreira	44
1945: Festa da Padroeira em Esperança	46
Amigas do Lar de Esperança	47
Iconografia	49
Fonte bibliográfica	

Fonte bibliográfica:

- A UNIÃO, Jornal. Órgão do Governo da Paraíba. Edição de Terça-feira, 6 de dezembro. João Pessoa/PB: 1949.
- A UNIÃO, Jornal. Órgão Oficial do Estado da Paraíba. Ed. 17/09/1929. João Pessoa/PB: 1929;
- A UNIÃO, Jornal. Órgão Oficial do Estado da Paraíba. Ed. De 23/02/1926. João Pessoa/PB: 1926;
- A UNIÃO, Jornal. Órgão oficial do Estado da Paraíba. Edição de 24/01/1945.
- A UNIÃO, Jornal. Órgão oficial do governo do Estado da Paraíba, domingo 28 de dezembro. João Pessoa/PB: 1930.
- A UNIÃO, Jornal. Órgão oficial do Governo do Estado da Paraíba, edição de Sábado 09 de fevereiro de 1929, capa.
- A UNIÃO, Jornal. Órgão Oficial do Governo do Estado: Terça-feira, 22 de novembro de 1927;
- A UNIÃO, Jornal Órgão oficial do Governo do Estado da Paraíba, 10 de outubro. João Pessoa/PB: 1926.
- A UNIÃO, Jornal. Órgão oficial do Estado da Paraíba, fevereiro de 1926. João Pessoa/PB: 1926.
- A UNIÃO, Jornal. Órgão oficial do Estado, 21 de Julho. João Pessoa/PB: 1959.
- A UNIÃO, Jornal. Órgão oficial do Governo da Paraíba, 17 de janeiro. João Pessoa/PB: 1926.
- A UNIÃO, Jornal. Órgão oficial do governo da Paraíba, 27 de janeiro. João Pessoa/PB: 1927.
- A UNIÃO, Jornal. Órgão oficial do Governo do Estado da Paraíba, 09 de setembro. João Pessoa/PB: 1926.
- A UNIÃO, Jornal. Órgão oficial do Governo do Estado da Paraíba, 02 de dezembro. João Pessoa/PB: 1925.
- ADMINISTRATIVO, Almanak. Mercantil e Industrial do Estado da Parahyba para o ano de 1908. Imprensa Oficial: 1908.
- ALMEIDA, José Américo. *A Paraíba e seus problemas*. Ed. União. Secretária do Estado da Paraíba. João Pessoa/PB: 1980.

- CARDOSO, Roberto. Pequena Biografia do Poeta Silvino Olavo. In: Cisnes/ Sombra Iluminada – 2a Edição, 1985.
- CARNEIRO, Justino Ferreira. *Relatório apresentado à Assembléia Legislativa da Parahyba em 21 de setembro de 1881*. Typ. do Liberal Parahybano. Parahyba do Norte: 1882, p. 28/29.
- CLEROT, Leon Francisco R. *30 [i. e. Trinta] anos na Paraíba: memórias corográficas e outras memórias*. Editora Pongetti: 1969;
- COSTA, Austro. *Austro-Costa - Poeta da Província*. Ed. Universidade Federal da Paraíba: 1970;
- DUARTE, Forum. Livros de Posses e Compromissos. Tombo I. Esperança/PB: 1925.
- ESPERANÇA, Livro do Município de. Projeto Gincana Cultural/83 – “Descubra a Paraíba” – Coleção Livros dos Municípios 006/171. Unigraf. Esperança/PB: 1985.
- ESPERANÇA, Jornal AALE. Ano I, n. 1. Distribuição Gratuita. Ed. Biagaf. Esperança/PB: 2003;
- ESPERANÇA, Prefeitura Municipal de. *Monumento está sendo restaurado em Esperança*. Em: www.pmesperanca.com.br, acesso: 13/05/2008;
- ESPERANÇA, Revista Comercial de. Ano V, Ed. Fernando Rocha: dezembro de 2008, p. 08/09;
- FERREIRA, Rau. *Silvino Olavo*. Edições Banabuyé. Esperança/PB: 2010.
- HISTÓRIA, Esperança. Site virgulino.com, acesso em 05/06/2007;
- JÚNIOR, Martinho. OLIVEIRA, Maria José (Orientadora). *Obelisco Nossa Senhora do Perpétuo Socorro*. Especialização em História do Brasil. UEPB: 2004;
- FISCO, Revista. N. 364 (Setembro). Ano XXXVII. João Pessoa/PB: 2008;
- GEOGRAFIA, Revista Brasileira de. Vol. 15. IBGE. Departamento de Documentação e Divulgação. Geográfica e Cartográfica. Diretoria Técnica. Rio de Janeiro/RJ: 1963, p. 33/34;
- GERODETTI, João Emílio. CORNEJO, Carlos. *As Ferrovias do Brasil nos cartões-postais e álbuns de lembrança*. Ed. Solaris Edições Culturais. São Paulo/SP: 2005, p. 226;
- GURJÃO, Eliete de Queiros. *Morte e vida das oligarquias*. Ed. UFPB: 1994;
- JOFFILY, Irineu. *Notas sobre a Parahyba*. Ed. Typographia do "Jornal do Commercio": 1892;
- MEDEIRO, Tarcízio Dinoá. *Freguesia do Cariri de Fora*. São Paulo/SP: 1990.

- MELO, João de Deus. *Esperança e seus primórdios*. Jornal “Novo Tempo”. Edição Especial. Ano IV, nº 23. Esperança/PB: 1995.
- NASCIMENTO, Luiz do. *História da Imprensa de Pernambuco (1821-1954)*. Vol. VII, VIII e IX. Periódicos do Recife: 1901-1915. Recife/PE. Ed. Universitária: 1975.
- NOVO TEMPO, Jornal. Ano IV, nº 23 – Nov/Dez, Edição Especial: 1995.
- O TEMPO, Jornal. Ed. Typ. O Tempo. Esperança/PB: 1934;
- OLAVO, Silvino. *Cines/ Sombra Iluminada*. Esperança/PB: 1985;
- PARÓQUIA, Revista Centenário da. *Monumento de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro*. Ed. Jacinto Barbosa. Esperança/PB: 30 de maio de 2008.
- PARAHYBA, A. Volume 2. Imprensa Oficial: 1909;
- PARAHYBA, Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Estado da. Anno II. José Francisco Moura (Org.). Parahyba do Norte: 1899;
- PARAHYBA, Amanach do Estado da. Vol 16. Ed. Impr. Oficial: 1933;
- PEREIRA, Severino Ramos. *A Capelinha*. Em: www.pmesperanca.com.br, acesso: 13/05/2008.
- SOARES, Francisco de Assis. *Boa Vista de Sancta Roza: de fazenda à municipalidade*. Ed. Unigraf. Campina Grande/PB: 2003;
- SOBRINHO, Reinaldo de Oliveira. *Esboço de monografia do Município de Areia*. Coleção Arquivos Paraibanos. Imp. Oficial. João Pessoa/PB: 1958;
- SOUZA, Inácio Gonçalves de. *Coronel Elísio Sobreira: do heroísmo ao patronato*. Idealgraf: 2010.
- SUASSUNA, João. *Mensagem à Assembléia Legislativa do Estado da Paraíba*. Parahyba do Norte. Imprensa Oficial: 1926.
- SUASSUNA, João. *Mensagem à Assembléia Legislativa*. Impr. Oficial. João Pessoa/PB: 1927, p. 58.

Mídia digital:

- Wikipédia: Antenor de França Navarro (<http://pt.wikipedia.org/>), acesso em 21/09/2009;
- Wikipédia: Governadores da Paraíba; disponível em: <http://pt.wikipedia.org/>;
- Wikipédia: Esperança, disponível em: <http://pt.wikipedia.org/>;
- www.virgolino.com/;
- <http://evaldobrasil.blogspot.com/2008/12/cultura-arte-sntese-de-uma-estria-sem.html>;

- [http://gaspazinho.meshfriends.com/mysite/?page=7304;](http://gaspazinho.meshfriends.com/mysite/?page=7304)
- [http://www.andradenoticias.com/2010_06_01_archive.html;](http://www.andradenoticias.com/2010_06_01_archive.html)

Edições
Banabuyê

Digitalização: EPDOC
© Esperança/PB: 2011